

DILEXI TE

## Coleção Magistério

---

- Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*: sobre o amor na família, Papa Francisco
- Carta Apostólica *Misericordia et Misera*: no termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual, Papa Francisco
- *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* – Documento final, Sínodo dos Bispos
- Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da Casa comum, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho, Papa Francisco
- Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus Vivit*: para os jovens e para todo o povo de Deus, Papa Francisco
- “Querida Amazônia”: Exortação Apostólica Pós-sinodal, Papa Francisco
- Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social, Papa Francisco
- Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do povo de Deus, Papa Francisco
- Carta Apostólica *Totum Amoris Est*: no IV centenário da morte de São Francisco de Sales, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Laudate Deum*: sobre a crise climática, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *C'est la confiance*: sobre a confiança no amor misericordioso de Deus, Papa Francisco
- Uma Igreja sinodal em missão: relatório de síntese da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – Primeira Sessão
- Declaração *Fiducia Supplicans*: sobre o sentido pastoral das bênçãos, Dicastério para a Doutrina da Fé
- *Spes non confundit*: Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025, Papa Francisco
- Carta Encíclica *Dilexit Nos*: sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo, Papa Francisco
- Exortação Apostólica *Dilexi Te*: sobre o amor para com os pobres, Papa Leão XIV

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA DO  
PAPA LEÃO XIV

DILEXI TE  
SOBRE O AMOR PARA  
COM OS POBRES



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Esortazione Apostolica Dilexi Te* del Santo Padre Leone XIV sull'amore verso i poveri

© dos textos originais, 2025:

Amministrazione del Patrimonio  
della Santa Sede Apostolica;  
Dicastero per la Comunicazione  
Libreria Editrice Vaticana

© da tradução em português para o Brasil, 2025:

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

As citações bíblicas desta obra foram transcritas da Bíblia Sagrada –  
Tradução Oficial da CNBB, 6ª edição – 2022.

**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Design**

Andrea Cristina Florez Marin

**Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

**Impressão e acabamento**

PAULUS

**Revisão**

Tiago José Risi Leme, André Odashima  
Tatianne Francisquetti, Carlos Antônio Maia,  
Lucas Giron

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Telenvendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

**© PAULUS - 2025**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091  
São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)  
ISBN 978-85-349-5918-6

## ÍNDICE

LISTA DE SIGLAS .....	7
EXORTAÇÃO APOSTÓLICA <i>DILEXI TE:</i> SOBRE O AMOR PARA COM OS POBRES.....	9
CAPÍTULO I – ALGUMAS PALAVRAS INDISPENSÁVEIS.....	11
São Francisco.....	12
O clamor dos pobres .....	13
Preconceitos ideológicos .....	15
CAPÍTULO II – DEUS ESCOLHE OS POBRES .....	17
A opção pelos pobres.....	17
Jesus, o Messias pobre.....	18
A misericórdia para com os pobres na Bíblia.....	21
CAPÍTULO III – UMA IGREJA PARA OS POBRES .....	27
A verdadeira riqueza da Igreja.....	27
Os Padres da Igreja e os pobres .....	29
São João Crisóstomo .....	30
Santo Agostinho.....	31
Cuidar dos enfermos .....	33
O cuidado com os pobres na vida monástica .....	35
Libertar os cativos.....	38
Testemunhas da pobreza evangélica .....	40
A Igreja e a instrução dos pobres.....	42

Acompanhar os migrantes .....	45
Ao lado dos últimos.....	47
Movimentos populares .....	49
CAPÍTULO IV – UMA HISTÓRIA QUE CONTINUA..... 51	
O século da Doutrina Social da Igreja.....	51
Estruturas de pecado que criam pobreza e desigualdades extremas.....	56
Os pobres como sujeitos.....	60
CAPÍTULO V – UM PERMANENTE DESAFIO..... 63	
Novamente o bom samaritano.....	64
Um desafio inadiável para a Igreja de hoje .....	65
Doar ainda hoje.....	68
REFERÊNCIAS .....	73

## LISTA DE SIGLAS

CA	<i>Centesimus Annus</i>
ChV	<i>Christus Vivit</i>
CV	<i>Caritas in Veritate</i>
DAP	Documento de Aparecida
DMd	Documento de Medellín
DN	<i>Dilexit Nos</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
FT	<i>Fratelli Tutti</i>
GeE	<i>Gaudete et Exsultate</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IP	<i>Iuvenum Patris</i>
LE	<i>Laborem Exercens</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
NMI	<i>Novo Millennio Ineunte</i>
PP	<i>Populorum Progressio</i>
SIA	<i>Superiore Iam Aetate</i>
SRS	<i>Sollicitudo Rei Socialis</i>



## EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *DILEXI TE*: SOBRE O AMOR PARA COM OS POBRES

**1. “Eu te amei”** (Ap 3,9), diz o Senhor a uma comunidade cristã que, ao contrário de outras, não tinha qualquer relevância ou recurso e estava exposta à violência e ao desprezo: “tua força é pequena [...]. Farei que venham prostrar-se diante de teus pés” (Ap 3,8-9). Esse texto recorda as palavras do cântico de Maria: “Depôs os poderosos de seus tronos e exaltou os de condição humilde. Encheu de bens os famintos e despediu os ricos sem nada” (Lc 1,52-53).

**2.** A declaração de amor do Apocalipse remete ao mistério insondável que foi aprofundado pelo papa Francisco na encíclica *Dilexit Nos* sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus. Nela, admiramos o modo como Jesus se identifica “com os últimos da sociedade” e como, através do seu amor doado até o fim, mostra a dignidade de cada ser humano, sobretudo quando é “mais fraco, mísero e sofredor” (cf. DN, n. 170). Contemplar o amor de Cristo nos ajuda “a prestar mais atenção ao sofrimento e às necessidades dos outros, e torna-nos suficientemente fortes para participar na sua obra de libertação, como instrumentos de difusão do seu amor” (DN, n. 171).

**3.** Por essa razão, em continuidade com a encíclica *Dilexit Nos*, o papa Francisco, nos últimos meses da sua vida, estava preparando uma Exortação Apostólica sobre o cuidado da Igreja pelos pobres e com os pobres intitulada *Dilexi Te*, como se imaginasse Cristo se dirigindo a cada um deles e dizendo: tens pouca força, pouco poder, mas “eu te amei” (Ap 3,9). Ao receber como herança esse projeto, sinto-me feliz em assumi-lo como meu – acrescentando algumas reflexões – e em apresentá-lo no início do meu pontificado, partilhando o desejo do

meu amado predecessor de que todos os cristãos possam perceber a forte ligação existente entre o amor de Cristo e o seu chamado a nos tornarmos próximos dos pobres. Na verdade, também eu considero necessário insistir neste caminho de santificação, porque, no “apelo a reconhecê-lo [o Cristo] nos pobres e atribulados, revela-se o próprio coração de Cristo, os seus sentimentos e as suas opções mais profundas, com os quais todo santo busca configurar-se” (GeE, n. 96).

## CAPÍTULO I

### ALGUMAS PALAVRAS INDISPENSÁVEIS

**4.** Os discípulos de Jesus criticaram a mulher que derramou um perfume muito precioso sobre sua cabeça: “Para que esse desperdício?” – diziam eles – “Este bálsamo poderia ter sido vendido por um bom preço, para dar aos pobres”. Mas o Senhor lhes disse: “Os pobres sempre tendes convosco, mas a mim não tereis sempre” (Mt 26,8-9.11). Aquela mulher compreendera que Jesus era o Messias humilde e sofredor sobre o qual derramar o seu amor: quanto consolo o daquele unguento sobre a cabeça que, dali a poucos dias, seria atormentada pelos espinhos! Era um gesto pequeno, mas quem sofre sabe o quanto é grande mesmo um pequeno sinal de afeto e quanto alívio pode trazer. Jesus comprehende isso e confirma a sua perenidade: “onde for proclamado este Evangelho, no mundo inteiro, será mencionado também, em sua memória, o que ela fez” (Mt 26,13). A simplicidade daquele gesto revela algo grandioso. Nenhuma expressão de carinho, nem mesmo a menor delas, será esquecida, especialmente se dirigida a quem se encontra na dor, sozinho, necessitado, como estava o Senhor naquela hora.

**5.** É precisamente nessa perspectiva que o afeto pelo Senhor se une ao afeto pelos pobres. Aquele Jesus que diz “Os pobres sempre tendes convosco” (Mt 26,11) expressa igual sentido quando promete aos discípulos: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Ao mesmo tempo, vêm-nos à mente aquelas palavras do Senhor: “todas as vezes que fizestes isso a um destes pequeninos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes” (cf. Mt 25,40). Não estamos no horizonte da beneficência, mas no da Revelação: o contato com quem

não tem poder nem grandeza é um modo fundamental de encontro com o Senhor da história. Nos pobres, Ele ainda tem algo a nos dizer.

## São Francisco

**6.** O papa Francisco, ao recordar a escolha do próprio nome, contou que, após a sua eleição, um cardeal amigo abraçou-o, beijou-o e disse-lhe: “Não te esqueças dos pobres!”.<sup>1</sup> Trata-se da mesma recomendação feita pelas autoridades da Igreja a São Paulo quando ele subiu a Jerusalém para verificar a sua missão (cf. Gl 2,1-10). O Apóstolo pôde afirmar anos mais tarde: “isso procurei fazer sempre, com toda a solicitude” (Gl 2,10). Trata-se também da escolha de São Francisco de Assis: no leproso, foi o próprio Cristo que o abraçou, transformando a sua vida. A figura luminosa do *Poverello* jamais deixará de nos inspirar.

**7.** Há oito séculos, foi ele quem provocou um renascimento evangélico nos cristãos e na sociedade do seu tempo. O jovem Francisco, anteriormente rico e presunçoso, renasceu a partir do choque com a realidade daqueles que são expulsos da convivência. O impulso dado por ele não cessa de mover seja os corações dos fiéis, seja os de muitos que não creem, e “mudou a história”.<sup>2</sup> Pelas palavras de São Paulo VI, o próprio Concílio Vaticano II segue nessa direção: “Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio”.<sup>3</sup> Estou convencido de que a opção preferencial pelos pobres gera uma renovação extraordinária tanto na Igreja como na sociedade, quando somos capazes de nos libertar da autorreferencialidade e conseguimos ouvir o seu clamor.

---

<sup>1</sup> Francisco, *Encontro com os representantes dos meios de comunicação social*, 16 de março de 2013.

<sup>2</sup> J. Bergoglio; A. Skorka, *Sobre el cielo y la tierra*, 214.

<sup>3</sup> São Paulo VI, *Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II*, 7 de dezembro de 1965.

## O clamor dos pobres

**8.** A propósito, na Sagrada Escritura há um texto que deve ser tomado sempre como ponto de partida. Trata-se da revelação de Deus a Moisés junto à sarça ardente: “Eu vi a humilhação de meu povo no Egito e ouvi seu clamor por causa da dureza dos feitores. Sim, eu conheço seu sofrimento. Desci para livrá-los [...] Agora, vai! Eu te envio” (Ex 3,7-8.10; cf. EG, n. 187). Deus se mostra solícito para com as necessidades dos pobres: “Então, os israelitas clamaram ao Senhor, e o Senhor suscitou para eles um salvador” (Jz 3,15). Portanto, ao ouvir o clamor do pobre, somos chamados a identificar-nos com o coração de Deus, que está atento às necessidades dos seus filhos, especialmente dos mais necessitados. Se permanecêssemos, porém, indiferentes a esse clamor, o pobre clamaria ao Senhor contra nós e isso se tornaria para nós um pecado (cf. Dt 15,9) e, desse modo, nós nos afastaríamos do próprio coração de Deus.

**9.** A condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e econômicos e, sobretudo, a Igreja. No rosto ferido dos pobres, encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo. Ao mesmo tempo, deveríamos falar, e talvez de modo mais acertado, dos inúmeros rostos dos pobres e da pobreza, uma vez que se trata de um fenômeno multifacetado; na verdade, existem muitas formas de pobreza: a daqueles que não têm meios de subsistência material, a pobreza de quem é marginalizado socialmente e não possui instrumentos para dar voz à sua dignidade e capacidades, a pobreza moral e espiritual, a pobreza cultural, aquela de quem se encontra em condições de fraqueza ou fragilidade – seja pessoal, seja social –, a pobreza de quem não tem direitos, nem lugar, nem liberdade.

**10.** Nesse sentido, pode-se dizer que o compromisso em favor dos pobres e pela erradicação das causas sociais e estruturais da pobreza, embora tenha adquirido importância nas últimas décadas, ainda

continua insuficiente; até porque as sociedades em que vivemos privilegiam, com frequência, linhas políticas e padrões de vida marcados por numerosas desigualdades e, por isso, às antigas formas de pobreza que evidenciamos e se procuram combater acrescentam-se outras novas, por vezes mais sutis e perigosas. Desse ponto de vista, é louvável que as Nações Unidas tenham colocado a erradicação da pobreza como um dos objetivos do Milênio.

**11.** Ao compromisso concreto com os pobres, é preciso associar também uma mudança de mentalidades que tenha incidências culturais. Efetivamente, a ilusão de uma felicidade que deriva de uma vida confortável leva muitas pessoas a ter uma visão da existência centrada na acumulação de riquezas e no sucesso social a todo custo, a ser alcançado ainda que explorando os outros e aproveitando ideais sociais e sistemas político-econômicos injustos, favoráveis aos mais fortes. Assim, em um mundo onde os pobres são cada vez mais numerosos, vemos paradoxalmente crescer algumas elites ricas, que vivem em uma bolha de condições demasiado confortáveis e luxuosas, quase em um mundo à parte em relação às pessoas comuns. Isso significa que persiste – por vezes bem disfarçada – uma cultura que descarta os outros sem sequer perceber, tolerando com indiferença que milhões de pessoas morram de fome ou sobrevivam em condições indignas ao ser humano. Alguns anos atrás, a foto de uma criança de bruços, sem vida, em uma praia do Mediterrâneo provocou grande choque; infelizmente, com exceção de alguma comoção momentânea, acontecimentos semelhantes estão se tornando cada vez mais irrelevantes, como se fossem notícias secundárias.

**12.** Não devemos baixar a guarda diante da pobreza. Preocupam-nos, de modo particular, as graves condições em que vivem muitíssimas pessoas, devido à escassez de alimentos e água potável. Todos os dias morrem milhares de pessoas por causas relacionadas à desnutrição. Mesmo nos países ricos, as estimativas relativas ao número de pobres não são menos preocupantes. Na Europa, há cada vez mais famílias

que não conseguem chegar ao fim do mês. Em geral, nota-se que as diferentes manifestações da pobreza aumentaram. Ela já não se apresenta como uma condição única e homogênea, mas se manifesta em múltiplas formas de empobrecimento econômico e social, refletindo o fenômeno de crescentes desigualdades, mesmo em contextos geralmente prósperos. Recordemos que “duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E, todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo cotidiano na defesa e cuidado da fragilidade das suas famílias” (EG, n. 212). Embora em alguns países se observem mudanças importantes, “a organização das sociedades em todo o mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens. As palavras dizem uma coisa, mas as decisões e a realidade gritam outra” (FT, n. 23), especialmente se pensarmos nas mulheres mais pobres.

### **Preconceitos ideológicos**

13. Para além dos dados – que por vezes são “interpretados” para convencer de que a situação dos pobres não é tão grave assim –, o quadro geral é bastante claro: “Há regras econômicas que foram eficazes para o progresso, mas não para o desenvolvimento humano integral. Aumentou a riqueza, mas não a equidade; e, assim, nascem novas pobrezas. Quando dizem que o mundo moderno reduziu a pobreza, fazem-no medindo-a com critérios de outros tempos, não comparáveis à realidade atual. Isso porque, em outros tempos, por exemplo, não ter acesso à energia elétrica não era considerado um sinal de pobreza, nem causava grave incômodo. A pobreza deve sempre ser analisada e compreendida no contexto das possibilidades reais de um momento histórico concreto” (FT, n. 21). Todavia, para além das situações específicas e conjunturais, em um documento da União Europeia de 1984, afirmava-se: “consideram-se pessoas pobres os indivíduos,

as famílias e os grupos de pessoas cujos recursos (materiais, culturais e sociais) são de tal modo débeis que os excluem de um tipo de vida minimamente aceitável no Estado-membro em que vivem”.<sup>4</sup> Contudo, se reconhecemos que todos os seres humanos têm a mesma dignidade, independentemente do local de nascimento, não se podem ignorar as grandes diferenças que existem entre países e regiões.

**14.** Os pobres não existem por acaso ou por causa de um cego e amargo destino. Muito menos a pobreza é uma escolha para a maioria deles. No entanto, ainda há quem ouse afirmar isso, demonstrando cegueira e crueldade. Entre os pobres há também, obviamente, aqueles que não querem trabalhar, talvez porque os seus antepassados, que trabalharam por toda a vida, morreram pobres. Mas há muitos homens e mulheres que trabalham da manhã até à noite, recolhendo papelão, por exemplo, ou realizando outras atividades semelhantes, embora saibam que esse esforço servirá apenas para sobreviver e nunca para melhorar verdadeiramente as suas vidas. Não podemos dizer que a maioria dos pobres estão nessa situação porque não obtiveram “méritos”, de acordo com a falsa visão da meritocracia, segundo a qual parece que só têm mérito aqueles que tiveram sucesso na vida.

**15.** Também os cristãos, em muitas ocasiões, se deixam contagiar por atitudes marcadas por ideologias mundanas ou por orientações políticas e econômicas que levam a generalizações injustas e a conclusões enganadoras. Observar que o exercício da caridade é desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial, faz-me pensar que é preciso ler novamente o Evangelho, para não se correr o risco de substituí-lo pela mentalidade mundana. Se não quisermos sair da corrente viva da Igreja, que brota do Evangelho e fecunda cada momento histórico, não podemos esquecer os pobres.

---

<sup>4</sup> Conselho das Comunidades Europeias, *Decisão (85/8/CEE) relativa a uma ação comunitária específica de luta contra a pobreza*, Art. 1, § 2.